

A RELIGIOSIDADE DA JUVENTUDE PÓS-MODERNA NUMA PERSPECTIVA REGIONAL

Edinaldo Enoque Silva Júnior¹

Resumo

Pelas transformações que se avolumam na atual conjuntura social, somos lançados a tentar compreender o que se passa com o ser humano e com seus sistemas simbólicos de subjetivação. Os referenciais de verdade, as chamadas metanarrativas (moral, religião, ética, estética, etc.) sofrem profundas transformações. Transformações no interior da sociedade sempre ocorreram desde que o homem existe, porém, a velocidade e a amplitude que essas transformações ocorrem é que causa embaraçamentos. A esse novo arvorecer da humanidade tende-se chamar Pós-Modernidade, e é sobre esse assunto que pretendemos debruçar. O termo pós-moderno que surge nos meados do século XX contempla não apenas assuntos das ciências humanas, mas também e com igual importância a arquitetura, a arte, o cinema, etc. Esse trabalho pretende analisar a relação religiosa dos jovens no Oeste de Santa Catarina, tendo em vista que, a ruptura metafísica é um dos marcos distintivos dessa nova época. Devido a colonização do Oeste de Santa Catarina ter sido alicerçada no triple Deus, Família e Escola pretendemos responder perguntas como: Como os jovens encaram a religião? Qual é a concepção de Deus para esses jovens? Acreditam em céu, inferno ou pecado? Qual foi a relação religiosa dos seus pais? Qual é a forma de relacionar-se com o sagrado que utilizam? Se utilizam? Será que acreditam numa moral ou ética fora do âmbito religioso? Tentando responder essas perguntas entrevistamos 10 jovens na faixa etária de 18 anos nascidas e criadas na região. Ao observarmos a religiosidade dessa juventude e saber se a fé, a prática religiosa dessa nova geração mantém-se como seus pais ou se o universo pioneiro sofre fissuras ou reinterpretações, concluímos que, o universo religioso tradicional encara ressignificações pontuais nas práticas religiosas pelos mais novos.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Religião. Jovens.

¹ Licenciado em história, é pesquisador.

Introdução

Os reflexos da globalização e da pós-modernidade perpassam por muitos âmbitos da sociedade. A ocidentalização do mundo juntamente com a entrada maciça dos símbolos midiáticos nas mais diversas sociedades espalhadas pelo globo atingem diretamente seu *status quo*, e os lançam nos turbilhões fluídos das incertezas contemporâneas. Todavia, a pós-modernidade não mostra caminhos ela os desconstrói, não firma metanarrativas, mas adora destrocá-las, e assim, o homem moderno calcado em princípios seculares de verdades absolutas fica sem chão, sem bases sustentáveis de afirmações plausíveis, a única verdade que surge é essa: “não existe verdade absoluta”.

Desse modo, o medo do relativismo, do niilismo se apodera. Afições, angústias, fobias, são as somatizações desse novo horizonte que se descortina na sociedade mundial. Um tipo diferente de estruturação está atingindo a sociedade desde meados do século XX, e vem atingindo as mais diversas paisagens culturais e sociais; questões de gênero, consciência de classe, sexualidade, raça, religiosidade, etnia e nacionalidade são lançados no grande turbilhão pós-moderno que não os devolve como dantes.

Oferecesse nesse ínterim, a possibilidade do sujeito lançar-se no desvario incerto da auto criação, como sujeito que dança uma música muda aos outros, a canção do auto sugestionamento. É o lançar-se no jogo criativo do tornar-se ser de presença.

O medo surge, as identidades são rompidas, não pertencemos mais a um grupo específico. Somos muitos e ao mesmo tempo uno. Lançamo-nos no processo bricolage de nos constituirmos como uma colcha de retalhos das mais diversas cores e formatos. É o que o mundo nos proporciona.

Os jovens parecem ser os que menos sofrem com essas vicissitudes paradigmáticas, pois já nascem num mundo em transformação e se adapta fácil a vultuosidade de mudanças em curtos espaços de tempo, todavia, questões de ordem ética e moral sempre são levadas em consideração quando sabemos que as grandes narrativas se findam.

Desse modo algumas questões surgem: Como os jovens encaram a religião? Qual é a concepção de Deus para esses jovens? Acreditam em céu, inferno ou pecado? Qual é a forma de relacionar-se com o sagrado que utilizam? Será que acreditam numa moral ou ética fora do âmbito religioso?

O presente trabalho tenta compreender a questão da religiosidade contemporânea no âmbito da atual juventude do Oeste Catarinense levando em consideração os processos globalizadores, mas tentando não perder de vista o passado regional.

Pós-modernidade e a crise dos valores

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, a sociedade ocidental e também boa parte da oriental passam por um processo de transformação jamais vista e numa velocidade surpreendente.

A globalização da economia mundial juntamente com a ascensão dos meios de comunicação de massa e as desconstruções levantadas por filósofos, sociólogos e historiadores, descortinam um novo momento histórico, momento esse que tende a romper provisória ou completamente os paradigmas que sobreviveram incólumes por séculos.

Tais paradigmas segundo esses teóricos eram os que nortearam a humanidade por longo tempo, alguns milenares como a religião e outros mais recentes como a ciência. A esse momento histórico alguns pensadores como Bauman (1998), Morin (1993), Lyotard (2006), Anderson (1999) denominaram de Pós-modernidade, Giddens (1991), por exemplo, o caracteriza como Modernidade Tardia. Os nomes mudam de acordo com cada autor, no entanto, a abordagem que esses autores discutem gira em torno da crise dos referenciais de verdade e a ruptura com as grandes narrativas entre elas a metafísica.

A ciência, a partir do século XVII alcança legitimidade como sinônimo de progresso com o chamado “Projeto do Iluminismo”. Nele, a humanidade teria baseado na razão, progresso em todos os âmbitos da sociedade calcados nos princípios da ciência. Era a ciência experimental que deveria mostrar as verdades absolutas que a Igreja não tinha condições de apresentar pela intransigência verticalizadora de suas idéias e crenças. A Ciência Positiva era o elemento que faltava para o surgimento de uma nova mentalidade firmada pela experimentação e não pela metafísica. A razão deveria descortinar o véu que cobria os olhos da humanidade e mostrar que o homem era dono de seu próprio destino e deveria buscar sua própria felicidade sem medo de castigos. Porém, o Projeto do Iluminismo não mostrou-se efetivo para todos os homens e mulheres devido aquilo que Adorno (2002) denominou de Razão

Instrumental, ou seja, a utilização da razão como instrumento de segregação e acúmulo de poder nas mãos dos poderosos. Da mesma forma que os sacerdotes religiosos detinham o conhecimento das verdades divinas, os cientistas se tornaram os sacerdotes da ciência. Com a substituição da religião pela ciência como instância irradiadora de verdades surge aquilo que Weber (2004) chama de desencantamento do mundo. O progresso não mostrou-se efetivamente a saída mais segura para a evolução humana, pelo contrário, tornou-se fonte de exclusão.

Na batida da evolução técnica e científica chegamos ao quadro atual que segundo Bauman (1998) é caracterizado pela sua fluidez. Fluidez no amor, nos relacionamentos, na economia, nos sistemas simbólicos e na religiosidade. Segundo cientistas sociais esse momento de fluidez é o resultado de um processo histórico inédito na humanidade pela sua velocidade e abrangência. A velocidade desse novo contexto histórico é um dos grandes marcos diferenciais da atual conjuntura mundial em contraposição a outros momentos históricos importantes:

Nada preocupou tanto os pensadores do século XX como a experiências das mudanças históricas. De crise em crise, de guerra em guerra, o mundo assistiu ao surgimento do automóvel, do comunismo, do rádio, das redes telefônicas, da aviação, das revoluções anticolonialistas, da penicilina, dos campos de concentração, emancipação feminina, do surgimento dos países árabes e orientais, do narcotráfico, das viagens interplanetárias, das biotecnologias. Entre guerras e crises, revoluções, inovações e transformações, o século XX caminhou para o seu final. Jamais uma época produziu tantas mudanças em tão pouco tempo. Até a metade do século já se haviam reformulado todas as ciências e a soma dos conhecimentos desse período superava as idéias e as técnicas que a humanidade começou a criar há uns 10 mil anos (LINDO, 2000, p. 21).

No âmbito da subjetividade, da formação do sujeito e suas representações, a pós-modernidade rompe com paradigmas e nos lança no mar de incertezas. Novas descobertas absorvem o sujeito desgarrado de imperativos tradicionais, que formaram, por exemplo, a religiosidade, a moral e a estética.

Segundo Rorty (1994, p. 97):

A pós-modernidade consistirá, sobretudo, em abandonar a pretensão metafísica exigida das relações da razão humana com a

natureza das coisas. Essa crítica implica a negação da possibilidade de uma compreensão platônica da realidade, entendida como a relação entre as idéias e as palavras ou enunciados sobre essa realidade. Já não se pode recorrer a fundamentos ou metanarrativas. Em lugar dos fundamentos e das metanarrativas, agora se postula o conhecimento “contextual”, “pragmático”, “funcional” e “relativista”. Dessa perspectiva, é fácil compreender porque os pós-modernos optam pelo pluralismo e o relativismo, em que a verdade se torna “aquilo que é vantajoso crer”.

Os valores morais que nortearam a formação da sociedade ocidental tendem a ser eclipsados. Essa é a postura de alguns pensadores ao relacionar o individualismo capitalista com os processos cada vez mais velozes das multimídias:

As profundas mutações culturais, políticas, econômicas e sociais que caracterizam a chamada era das infosociedades globais converteram as mídias em agentes de difusão de discursos legitimadores da ideologia no mundo sem fronteiras. Elas irradiam fluxos dinâmicos de informação e de entretenimento, e padrões de consumo que se universalizam. Mais do que em qualquer época, os aparatos de veiculação conformam-se como dispositivos tecnológicos de construção e, notadamente, de conservação de hegemonias. São de fato, máquinas (MORAES, 1997, p. 12).

Em contrapartida à essa crítica homogeneizante dos meios audiovisuais, a difusão dos meios de comunicação de massa, a internet e outros recursos audiovisuais proporcionaram na população mundial a ligação entre os quatro cantos do globo favorecendo trocas simbólicas econômicas, sociais, religiosas ou educacionais em lugares remotos como a Ilha de Páscoa, no Pacífico, por exemplo. Assim, homens e mulheres do mundo inteiro encontram no exótico novas formas de subjetivação e conseguem uma nova relação com o mundo e consigo mesmos.

Partindo do local para o global e vice-versa, temos como novo paradigma existencial o mundo, que agora cabe em nossas mãos, mas ao mesmo tempo o seu peso, quando não é mais permitido fingir que não estamos diretamente envolvidos com suas metamorfoses e transformações:

Uma das características distintivas da modernidade é uma interconexão crescente entre os dois extremos da “extensionalidade” e da “intencionalidade”: de um lado influências globalizantes e, de

outro, disposições pessoais. Quanto mais a tradição perde terreno, e quanto mais reconstitui-se a vida cotidiana em termos da interação dialética entre o local e o global, mais os indivíduos vêem-se forçados a negociar opções de estilos de vida em meio a uma série de possibilidades. O planejamento da vida organizada reflexivamente torna-se característica fundamental da estruturação da auto-identidade (CASTELLS, 2002, p. 27).

Do global para o local: a construção do Oeste Catarinense e a formação do sujeito pioneiro

A Igreja

A ocupação dos municípios em estudo aconteceu na terceira década do século XX, quando as companhias colonizadoras fragmentaram o território até então sem fronteiras e passaram a agir sobre parcelas desse. Em meio aos povos nativos, levantaram-se, por meio de um esforço contínuo, novas comunidades de colonos, atraídos pela intensa propaganda das colonizadoras. Toda a região passou a ser integrada aos interesses capitalistas, mediante a criação de frentes agrícolas que transformaram, paulatinamente, o espaço natural.

O universo pioneiro do Oeste de Santa Catarina foi pautado no tripé Deus, Família e Educação. Foram esses os elementos balizadores da conduta e do dia-a-dia dos novos habitantes que compunham as frentes colonizadoras do oeste de Santa Catarina:

Na primeira metade do século XX, milhares de descendentes europeus apátridas, uma vez que continuam buscando *o elo perdido* e os laços simbólicos que os amarram ao passado distante, foram plantados por poderosas colonizadoras no meio do mato da região Oeste de Santa Catarina.

A carência dos meios de comunicação amputou os laços objetivos e subjetivos dos locais de procedência e cerrou os limites e as fronteiras da colonização oestina. Assim as suas histórias parece efetivamente começar com a chegada migratória. As lembranças incertas sobre a antiga moradia e a origem esquecida se expressam nas suas trajetórias de vida.

Com a cidadania pré-migratória desmentida e, isolados geográfica e culturalmente, passaram a moldar sua natureza e cultura segundo concepções do reduzido número de pessoas que tomaram decisões estratégicas.

O espaço foi marcado por uma verdadeira blindagem imunológica. Grupos religiosos, lideranças etnocêntricas e o medo do “outro”

deram os suportes necessários para a formação de comunidades fechadas e um padrão cultural deveras homogêneo.

A vivência de um caráter forçado e válido para todos e a submissão ao poder religioso que atravessou o espaço regional e controlou a vida das pessoas do início ao fim deve ser analisado no contexto histórico (EIDT; SILVA JUNIOR, 2009, p. 56).

O papel de guardião da ordem geral foi assumido pela Igreja que, a partir de uma ampla rede de associações espalhadas na colonização, exerceu a tutela administrativa e agrupou os migrantes em comunidades rurais, cujo micropoder das lideranças afinadas com o projeto católico, incessantemente, circunscrevia os limites devidos a cada um dos seus componentes. A Igreja se constituiu numa força centrífuga e monopolista dos modelos e das verdades por meio da coerção, pois, por meio de diferentes mecanismos, exercia uma pressão contínua e uniforme sobre os “pioneiros”, impondo assim o “bem e o mal”, o “verdadeiro e o falso” e o “lícito e o ilícito”.

Os escassos meios de comunicação do universo pioneiro, contribuíram para que a Igreja norteasse a conduta e a moral dos colonizadores. Os interesses religiosos se conectaram e reforçaram-se reciprocamente, adquirindo força irresistível. No “Reino Colonial”, o pioneiro fez parte de um corpo social único: controlado, vigiado e interdito, concretizando a idéia nietzschiana (NIETZSCH, 2003, p. 103) de que, em toda moral, o essencial e inestimável é o fato de ela ser uma longa imposição.

A singularidade da região foi o caráter oficial da segregação racial e confessional; o poder pastoral em detrimento do estatal; os limites e as fronteiras cerradas do seu mundo; a falta de oxigenação cultural com novos valores e concepções de mundo; o reduzido número de pessoas que tomaram decisões estratégicas, além de práticas coletivas altruístas que dão impressão de uma história circular.

O poder da família

No isolamento da vida pioneira, a transmissão da cultura e dos saberes passava pelo tripé Família, Escola e Igreja. Sem parâmetros exógenos, as instâncias da família, escola e religião transmitiram os valores e os ideais da cultura. Assim o mundo, limitado e restrito, limitou possibilidades e serviu como ponto de estrangulamento, e gerações inteiras foram educadas e submetidas

ao mundo inexorável de minorias pensantes. O mundo das crianças na primeira infância, numa frente de colonização, se restringia à família patriarcal. O modesto círculo familiar se resumia a um cenário onde a imaginação era incitada principalmente para a luta pela sobrevivência em meio à hostilidade do espaço natural.

Um “corpus” de crenças e princípios foi edificado no imaginário dos filhos. A preocupação moral e educativa para com a criança exprimia a consciência da fraqueza do mundo infantil. Princípios e virtudes desejáveis para a vida privada, foram, desta forma, introjetados em cada um dos elementos da família. Na família, se aprendia os deveres e as regras a partir da prática dos irmãos mais velhos. Os mesmos enunciados são repetidos, palavras e práticas não entram em desuso e determinados assuntos são proibidos. Durkheim (1995) enfatiza que certas maneiras de agir ou pensar adquirem, devido á repetição, uma espécie de consistência.

A severidade da educação familiar, herança da interferência subjetiva dos jesuítas na colonização da região, se pautava na rigidez, disciplina e trabalho:

Os pais fazem involuntariamente de seu filho algo semelhante a si mesmos. A isso denominam “educação”. Não há mãe que, no fundo do seu coração, duvide de ter parido com o seu filho uma propriedade, nem pai que se negue o direito de o poder sujeitar aos seus conceitos e juízos de valor (NIETZSCHE, 2003, p. 110).

Na genealogia dos valores o papel educativo dos pais teve importância máxima. O discurso se pautava em construir através da família os alicerces firmes e inquebrantáveis que, inequivocamente, sustentariam a vida social da colonização oestina. A educação familiar afirmou um arcabouço de valores e princípios que se introjetaram em níveis profundos.

A objetividade de uma educação rígida e patriarcal, interditaram as múltiplas possibilidades que afloravam na subjetividade infantil. A curiosidade impulsiva e aguda, colidiam com os valores da família nuclear. Assim, os pensamentos inquietantes, eram sempre contidos dentro da submissa curiosidade de jovem, cheia de autodomínios. Os pais apontavam perigos opacos ou imperceptíveis que as crianças não vislumbravam.

A inexistência de um debate familiar, com a rigidez das expressões faciais, os pais decidiam o destino da família. Com

medo de ser recriminado por fazer perguntas inoportunas, as crianças silenciavam.

Rousseau (2005) afirma que a mais antiga de todas as sociedades, e a única natural, é a da família; ainda assim só se prendem os filhos ao pai enquanto dele necessitam para a própria conservação. Desde que tal necessidade cesse, desfaz-se o liame natural. Os filhos isentos da obediência, e este, isento dos cuidados que deve aos filhos, voltam todos a ser igualmente independentes.

A escola

A atividade alfabetizadora da região em estudo envolveu a comunidade, a paróquia, o professor e a colonizadora. As engrenagens administrativas e as bases filosóficas e ideológicas, invariavelmente eram assumidas pelo clero que, graças à sua influência, conseguiu drenar para a Educação grande parte das economias da população.

O modelo escolar da região em estudo foi pensado e aplicado pelos jesuítas e o professor, este criteriosamente mapeado pela comunidade e pela igreja. Exigiam-se mestres com responsabilidade moral. Ser professor tratava-se de uma missão nobre, pois era investido de poderes de correção e punição. Com extensas funções sociais na comunidade, em última análise também era responsável pelo comportamento de seus alunos fora da sala de aula. “Esses educadores eram responsáveis pela alma dos alunos [...] isso envolvia a salvação da alma das crianças, pelas quais eles eram responsáveis perante Deus”, afirma Ariès (1981, p. 117), ao referir-se às escolas confessionais.

Mesmo após a extinção das escolas confessionais ou paróquias (1938), a aplicação ampla de castigos corporais continuava fazendo parte de um sistema disciplinar rigoroso. Desejava-se apenas repetir, na vida escolar, a rigidez aplicada na educação familiar.

No isolamento da vida pioneira e a vida comunitária e a escola eram os únicos parâmetros exógenos ou outras miragens. Submetidos a uma existência limitada, a escola se constituía em aberturas de pequenas janelas por onde se tornava possível captar detalhes, convenções e códigos sociais de outros espaços. A visão positivista e determinista que os seres humanos nascem naturalmente desiguais acompanhava a prática pedagógica. Na escola da decoreba, os alunos empreendiam grandes e

temerários sacrifícios, para decorar a lição e assim assegurar a aprovação. Muitos foram, seguidas vezes, reprovados. Partia-se do pressuposto positivista que havia uma desigualdade natural entre as crianças. Conforme vários interlocutores, expressões como “cabeça-de-palha”, “burro de nascença” e outras, eram proferidas sem escrúpulos.

Muitos completavam o ensino primário e ainda não dominavam a leitura e o abecedário. O fato era sempre atribuído a falta de capacidade e inteligência do educando.

O ensino da religião ocupava lugar estratégico no currículo escolar. A escola, era na verdade um prolongamento da igreja, dada sua importância em relação a formação moral e cristã dos alunos. Nos intervalos e momentos de descontração, alunos eram orientados a sacrificar e renunciar com suma força de vontade a qualquer conversação mundana.

Durkheim (1995, p. 8) descreve a imposição de valores afirmando que:

[...] crenças e práticas que nos são transmitidas já fabricadas pelas gerações anteriores; se as recebemos e adotamos é porque, sendo ao mesmo tempo obra coletiva [...] estão revestidas de autoridade particular que a educação nos ensinou a reconhecer e a respeitar.

Figuras ou expressões tidas pecaminosas eram veementemente recriminadas. Utilizava-se como exemplos de degenerescência e de um mundo profano e inseguro que deveria ser evitado.

Até a década de 1970, os recursos naturais da região viabilizaram um modelo de desenvolvimento econômico de reduzida orientação para o mercado. A existência de mata nativa e a boa fertilidade natural do solo propiciaram ao migrante uma relativa autonomia e auto-suficiência. A família, enquanto unidade organizadora do processo produtivo, executava todas as operações relativas à produção: seleção de sementes, plantio, colheita, transporte, estocagem e escambo (esporadicamente, a venda).

A partir da Revolução Verde (década de 1960 e 1970), o espaço regional tornou-se mais aberto e interdependente. A interação cultural e econômica transformou o espaço fechado num espaço muito mais interdependente. A entrada mais agressiva do capitalismo destituiu o poder religioso e de certa forma os laços de solidariedade, transformando os até então membros comunitários em indivíduos. O desenvolvimento dos

meios de comunicação, como o rádio e a televisão, acenaram para a multiplicidade e a diversidade. Assim, o espaço regional passou a sofrer as conseqüências da fluidez, da hiperespecialização e da rapidez da modernidade.

À medida que o espaço regional se tornou mais aberto e interdependente, as mudanças aconteceram de forma muito rápida. O desenvolvimento dos meios de comunicação, a interação com outros espaços, a preocupação do Estado e, ainda, o fascínio do capital (agroindústrias) pela região na qual pudesse espalhar seus interesses implantaram a denominada modernidade tecnológica.

A interação cultural e econômica transformou o espaço engessado e fechado. A entrada mais agressiva do capitalismo destituiu o poder religioso e os laços de solidariedade que soldavam até então o tecido social.

Do local para o global: as transformações modernizantes no universo pioneiro do Oeste Catarinense

O espaço se moderniza

Na verdade, alguns autores têm acreditado que o desaparecimento progressivo das influências da religião na vida social – que pode ser associado aos processos de industrialização, racionalização, urbanização e diferenciação social – provocou uma crise de sentido especificamente moderna, ou uma crise na eficácia do vínculo social, que só poderia ser aliviada adequadamente por meio da criação ou do surgimento de algum complexo novo de significados, ou *morale*. Assim, acredita-se muitas vezes que o declínio da religião e a corrosão de suas bases institucionais na sociedade teriam deixado um vácuo atrás de si, com efeitos nocivos tanto para o indivíduo como para a sociedade. Para alguns autores, porém, a dissipação da religião em inúmeros complexos significativos quase-religiosos e não-religiosos – que oferecem aos indivíduos o conhecimento para ajudar a enfrentar as questões existenciais persistentes, relativas ao sentido último da vida, o sagrado o nascimento, a morte, a sexualidade e assim por diante – simplesmente tornou a religião invisível (FEATHERSTONE, 1995, p. 158).

Partindo da idéia de que os novos processos midiáticos e informacionais surgidos com maior propulsão a partir dos anos 70 têm influenciado nas mudanças comportamentais, e em uma nova concepção de sujeito que como dissemos acima, é caracterizada de pós-moderna, e levando em consideração que dentre uma das

fortes características dessa nova estrutura social é a supressão, ou melhor, uma desconstrução quase que completa dos elementos religiosos que compõem a atual sociedade, tentou-se analisar se realmente a religiosidade, mesmo em uma sociedade como a do Oeste de Santa Catarina, que foi como transcrevemos acima alicerçada desde seu início numa forte base cristã ruiu com a crise da modernidade e o nascimento da Pós-Modernidade.

Para isso, entrevistamos 10 jovens² com faixa etária média de 18 anos de uma escola do Município de São Miguel do Oeste com o intuito de saber sobre sua prática religiosa, sobre sua relação com o sagrado, sobre sua formação religiosa, etc.

Em pesquisa anterior³ construímos um itinerário sobre influência dos meios de comunicação de massa e da economia na transformação cultural do universo pioneiro, e como conclusão observamos que o universo pioneiro fechado em si mesmo, sofre na década de 70 um eclipsamento oriundo da entrada mais massiva dos meios de comunicação e do capitalismo internacional com a produção suína, leiteira e avícola. Os laços de reciprocidade e altruísmo foram largamente desestimulados pela competição proveniente da meta estabelecida pelas agroindústrias.

Agora objetivamos compreender os efeitos dessas transformações na religiosidade dos jovens e entender se a identidade construída desde o processo colonizador pautada na religiosidade de cunho católico confessional sofre alterações.

Abordar o fenômeno religioso na pós-modernidade é tocar numa questão complexa e que se reveste de maior complexidade à medida que enfocamos os aspectos mais subjetivos dessa nova religiosidade. Diante da enorme diversidade verificada no fenômeno religioso atual, e das constantes transformações ocorridas em seu interior, uma vez que promove uma troca constante de idéias, ritos, símbolos e doutrinas, levadas de um lado para outro pela mídia, o que torna quase impossível atualmente se dizer com segurança quais elementos pertencem originariamente ou não a determinados grupos religiosos. O que temos como marca desse fenômeno é a diversidade, a heterogeneidade e a metamorfose. Além do misticismo, do hibridismo religioso e do pragmatismo (as coisas valem enquanto funcionam).

As novas concepções de Deus na pós-modernidade são muito além daquelas estabelecidas pelas religiões monoteístas que colonizaram e subordinaram grande parte das nações do mundo em tempos idos. Segundo um dos entrevistados (A)⁴: “*Deus passa*

² Os jovens participantes da pesquisa são alunos de uma escola da região que cursam o 3º ano do Ensino Médio, escolhidos aleatoriamente de uma lista de 30 alunos. Todos os alunos participaram espontaneamente respondendo a questões semi-estruturadas e abertas.

³ A pesquisa *O poder econômico e midiático na mudança do padrão cultural* em processo de conclusão teve como principal objetivo analisar as influências dos meios de comunicação de massa juntamente com a economia na mudança dos padrões culturais, mas mais especificamente do oeste catarinense.

a ser uma mistura de natureza, de sujeito e até de mim mesmo. Deus é tudo é nosso pai, deus é vida, deus é morte, deus é terra é o mar. Para mim deus está em todas as coisas e lugares”.

A interioridade de Deus no sujeito pós-moderno independe de bases doutrinárias seguras, a subjetivação religiosa é, sobretudo, o resultado do relacionamento e do contato que o sujeito tem com as religiões e práticas religiosas que adentram no seu dia-a-dia por meio de livros, de programas e pessoas em que acreditam.

Segundo Libanio (2003, p. 148):

Essa interioridade do ser humano opõe-se a uma exterioridade objetiva, dada nela mesma, com seu sentido próprio e independente dela. Percebe-se mais como sujeito que se constrói em relação com o mundo exterior, dando-lhe significado, interpretando-o atribuindo-lhe valores. A subjetividade como sujeito de significados, de valores, de interpretação e de visões desafia uma fé que parece, à primeira vista, acatar um dado objetivo imposto pela revelação com sentido e realidade anteriormente definidos.

A religião católica que foi a norteadora do processo colonizador do oeste catarinense perde, para as novas gerações, seu aspecto de religião base na formação religiosa e de fé. No entanto, quando perguntados se foram à catequese, crisma e primeira comunhão todos responderam positivamente: *“Frequentava a igreja, mas não ia todas as semanas, fiz catequese, crisma e primeira comunhão, por ser uma etapa que católicos passam, mas não por obrigação e sim por vontade própria”*, responde (B).

É interessante notar que todos os jovens quando questionados sobre sua participação nas missas responderam-na no passado (frequentava, ia, assistia). Isso se deve, sobretudo, a prática religiosa dos seus pais que ainda mantém uma relação direta com a Igreja. Segundo (C): *“Eu realmente acredito ser desnecessário ir até a igreja para rezar, acho que a fé está em cada um, não em um local. E meus pais discutem comigo, acham que deveria ir muito mais”*.

Segundo Freud (1996, p. 93) há razões que são contraditórias entre si, mas necessárias para a manutenção da religião e da prática religiosa:

Quando indagamos em que se funda sua reivindicação a ser acreditada (a Religião), deparamo-nos com três respostas, que se harmonizam de modo excepcionalmente mau umas com as outras. Em primeiro lugar, os ensinamentos merecem ser acreditados porque já o eram por nossos primitivos antepassados; em segundo,

⁴ Utilizamos como método de identificação dos entrevistados as letras do alfabeto com o intuito de preservar a identidade dos mesmos.

possuímos provas que nos foram transmitidas desde esses mesmos tempos primevos; em terceiro, é totalmente proibido levantar a questão de sua autenticidade. Em épocas anteriores, uma tal pre-sunção era punida com os mais severos castigos, e ainda hoje a sociedade olha com desconfiança para qualquer tentativa de levantar novamente a questão.

Porém, o que observamos entre nossos entrevistados e no discurso religioso atual, é a superação dessa reivindicação por uma gama considerável de pessoas, mas que mesmo assim, continuam alimentando seus espíritos com práticas religiosas, pois acreditam numa força externa superior. Assim afirma (E): *“Acredito que minhas concepções é uma mistura, tenho família católica, acredito no espiritismo e sou simpatizante do budismo”*.

O núcleo familiar é destituído de sua função histórica de lançar “nortes e referências” aos filhos ali nascidos. Não é mais um lugar de empatia, identificação e de projeção de vidas. Balandier (1997, p. 265) afirma “A modernidade é produtora de amnésia, apaga as referências e oculta os ancoradouros do passado, abole para dar lugar ao novo e ao inédito, e valoriza o efêmero em detrimento do durável”.

(D), por exemplo, deixa claro essa posição quando rompe com a tradição religiosa da família: *“Quando parei de freqüentar a Igreja acharam que seria momentâneo depois se sentiram mais incomodados e me atacaram com discursos prontos, mas hoje, respeitam minha decisão. [...] Entendo que não é a religião, mas sim alguns valores que a maioria delas pregam (em tese, pois na prática divergem) são boas como o amor e o respeito ao próximo”*.

O que podemos observar das argumentações dos entrevistados é uma relação independente com o sagrado, a ausência de prática religiosa específica e o respeito por alguns valores da tradição católica da qual foram formados. Quando crianças freqüentaram a catequese, a crisma e a primeira comunhão. Desligaram-se parcialmente da prática católica, mas a fé em Deus segundo argumentam permanece incólumes. (F): *“Acredito Nele, e que as coisas boas que nos acontecem são como uma recompensa que Deus nos dá por coisas boas que fizemos, e os castigos são pelas coisas ruins. Deus é um ser superior, no qual creio, aquele que para a religião criou o mundo”*.

Na atual conjuntura regional onde os meios multimídias, internet, celulares, televisores e rádios, é uma realidade no dia-a-dia de jovens e adultos, há a preocupação da ruptura com as

identidades regionais e com a crise pós-moderna caracterizada pela ruptura da metafísica. A bricolagem religiosa, no entanto, mostra que a complexidade do assunto vai muito além de uma simples generalização sobre o fim ou não do praticar religioso. O acesso ilimitado a informações diversas de lugares diversos convergem para a formação de uma relação religiosa no mínimo inédita na sociedade contemporânea.

Quando perguntado sobre a influência de outras práticas religiosas (G) complementa: *“Sim, minha relação religiosa permeia por várias religiões, leio livros sobre o assunto e as idéias espíritas e budistas regem minha forma de pensar e expressar minha fé. Porém, nenhuma é exatamente o que penso sobre Deus e suas interferências sobre minha vida. Cada uma possui um Deus diferente, uma maneira diferente de acreditar no seu poder, e eu as utilizo para criar um Deus próprio”*.

Os jovens entrevistados demonstraram grande preocupação com a religiosidade como um todo e confirmando as expectativas dos cientistas sociais quando argumentam sobre a diversidade religiosa e o trânsito de diversas vertentes e concepções num mesmo sujeito. (H) *“Exercito minha fé diariamente, mesmo não possuindo religião ou participando de cultos em igrejas”*.

A pós-modernidade tem como referência a efemeridade e desse modo novas pesquisas caberão sobre o mesmo assunto abordado para comprovar realmente a fluidez desse mundo que se nos apresenta cada vez mais incerto e confuso.

Todavia, pesquisadores ainda não chegaram a uma conclusão, por mais que pesquisem a respeito, sobre os produtos da pós-modernidade. E desse modo, temos que estar constantemente alerta e tentar compreender a metamorfose que é a atual conjuntura social.

Conclusões

A colonização do Oeste de Santa Catarina, devido a sua maneira singular de constituição, foi desde a segunda década do século XX o resultado de pioneiras frentes colonizadoras do Rio Grande do Sul. Pautada no Tripé Deus, Família e Escola o pioneiro é orientado a constituir uma comunidade altruísta, abnegada e disciplinada para a manutenção do bem comum. Exógena por natureza manteve-se até meados do mesmo século fechada e sem oxigenação.

A década de 70 caracteriza-se como um marco simbólico para a ruptura desse universo, quando da entrada mais agressiva do capital estrangeiro e dos meios de comunicação de massa. A barreira imunológica rompe-se e a região organiza-se para o mercado competitivo do leite, suíno e aves. A religiosidade perde seu caráter de guardião do meio colonial e torna-se à sua função original de evangelizar as pessoas.

Mesmo adentrando no universo tido pós-moderno caracterizado pela crise das grandes narrativas, pela não aceitação de verdades absolutas e pela crítica ao catolicismo oficial os jovens possuem um vínculo de fé para com o sagrado. Caracterizando por diversos nomes, como energia, cosmos, natureza, há uma postura bem nítida quanto à valorização desses elementos como gerador e organizador do mundo e de suas vidas.

O desejo de constituírem uma espécie de mosaico religioso é compreendido pelo aspecto da própria contemporaneidade e seus processos televisivos e midiáticos, que celebram a diversidade e o sincretismo.

Desse modo, observamos nos jovens pesquisados essa postura multifacetada de religiões cruzando, por exemplo, aspectos do budismo, hinduísmo e espiritismo. Pode-se notar nessa característica peculiar de organização simbólica do sagrado uma influência deveras grande dos meios de comunicação que nos últimos anos têm apresentando uma quantidade razoável de programas, novelas, documentários, onde as religiões orientais têm sido observadas com admiração.

O desencanto do mundo segundo Weber (2004) sobre a influência da tecnologia sobre a sociedade parece ainda não ter atingido esses jovens que buscam alívio e força em algo superior caracterizado pela fé e busca em Deus e utilizam dos meios tecnológicos em grande quantidade.

Porém, devemos continuar observando o processo que modernização regional e da influência dos elementos e práticas exógenas que direta e/ou indiretamente tem influenciado no comportamento dos jovens da região, e procurar entender se a tão chamada aldeia global não está caminhando em nossa direção.

Referências

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BALANDIER, Georges. **A desordem: elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume I. **A sociedade em rede**. 6ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

EIDT, Paulino; SILVA JUNIOR, E. E. Cultura e natureza, interdições e conflitos: um olhar sobre o passado regional. **Visão Global**, Joaçaba, v. 11, p. 55-77, 2009.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

LIBANIO, João Batista. Desafios da pós-modernidade à teologia fundamental. In: TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Sérgio Lopes (org.). **Teologia na pós-modernidade**. São Paulo: Paulinas: 2003. p. 143-172.

LINDO, Augusto Pérez. **Era das mutações: cenários e filosofias de mudanças no mundo**. São Paulo: UNIMEP. 2000.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MORAES, Dênis de. **Globalização mídia e cultura contemporânea: a dialética das mídias globais**. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade, a identidade humana.** Tradução de Juremir Machado da Silva. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para além do bem e do mal.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

RORTY, Richard. **A filosofia e o espelho da natureza.** 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. 386 p.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre os fundamentos da desigualdade entre os homens.** São Paulo: Nova Cultural, 2005.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Piomeira Editora, 1985.

Abstract

The transformations that have been accumulating at this juncture, we are thrown into trying to understand what is happening with humans and with their symbolic systems of subjectivity. This framework actually calls meta-narratives (moral, religion, ethics, aesthetics, etc.) Undergo profound changes. Changes within society ever occurred since man is, however, the speed and magnitude that these changes occur is causing embarrassment. In this new arvorecer of humanity tends to call post-modern, and it is on this that we want to address. The post-modern term that appears in the mid-twentieth century include not only matters of human sciences, but also and with equal importance to architecture, art, cinema, etc. This work analyzes the relationship of religious people in the West of Santa Catarina, in order that the breach is a metaphysics of the cornerstones of this distinctive new season. Because colonization of the West of Santa Catarina have been grounded in the triple God, Family and School intend to answer questions like: How do young people perceive religion? What is the conception of God to these people? They believe in heaven, hell or sin? What was the relationship of religion of their parents? What is the way to relate to the sacred use? If you use? Do they believe in a moral or ethical outside religious? Trying to answer these questions we interviewed 10 young people aged 18 years born and raised in the region. We will try to see how practice goes this religious youth and whether the faith, religious practice of this new generation continues to be their parents or religious practices of the universe pioneer suffer cracks or reinterpretations.

Keywords: Post-modernity. Religion. Youth.